

“Augusto de Castro: visão da Europa de um homem do estado novo”

Clara Isabel Serrano*

Resumo: Augusto de Castro Sampaio Corte-Real (1883-1971) foi um dos principais periodistas portugueses do Século XX. Licenciado em Direito pela Universidade de Coimbra, em 1903, começou a exercer advocacia na cidade do Porto. Em simultâneo, iniciou a actividade de jornalista, vindo a assumir, em 25 de Maio de 1903, a direcção do diário *A Província*, fundado por Oliveira Martins. Seguiram-se as passagens pelas direcções dos vespertinos *Folha da Noite* (1904-1905) e *A Noite* (1939) e do matutino *Diário de Notícias*, cuja chefia assumiu em momentos chave (1919-1924; 1939-1945; 1947-1971). Foi também redactor-principal do *Jornal do Comércio* (1907-1909) e cronista de *O Século*, tendo assinado a secção “Fumo do meu cigarro”.

A sua carreira jornalística foi intercalada com a diplomacia. Assim sendo, assumiu funções em legações tão importantes como as de Portugal em Londres (1924), no Vaticano (1924-1929), em Bruxelas (1929-1931; 1935-1938), em Roma (1931-1935) e em Paris (1945-1947). A sua presença nas principais cidades europeias possibilitou-lhe um conhecimento ímpar da situação europeia e um convívio estreito com algumas das principais personalidades da época. Permitimo-nos destacar, a título de exemplo, Mussolini, Pio XI, Cardeal Gasparri, Alberto I, Leopoldo III, Paul-Henri Spaak e Charles de Gaulle.

A convivência diária com essa realidade levou-o a redigir *Imagens da Europa vistas da minha janela*, obra em que analisa a crise em que a Europa havia mergulhado na década de 30 e os seus principais contornos.

Numa altura em que os sistemas políticos democráticos, triunfantes no início do século XX, foram abalados com a crise do período pós Primeira Guerra Mundial, suscitando o aparecimento de um grande número de adeptos de ideologias totalitárias, fascistas ou comunistas, o artigo que apresentamos procurará incidir sobre as reflexões de Augusto de Castro acerca de um mundo a braços com grandes perturbações.

Palavras-chave: Crise, Europa, Século XX, Jornalismo.

Abstract: Augusto de Castro Sampaio Corte-Real (1883-1971) was a major Portuguese journalist of the 20th century. Graduated in Law from University of Coimbra, in 1903, he began practicing law in Oporto city.

At the same time, he became a journalist assuming, on May 25, 1903, the direction of the daily journal “A Província”, founded by Oliveira Martins. Subsequently he assumed the direction of the newspapers “Folha da Noite” (1904-1905), “A Noite” (1939) and “Diário de Notícias”. He took the leadership of this journal at key times – after the

* Artigo elaborado para ser apreciado para efeitos de candidatura ao corpo de docentes do Instituto Superior Politécnico Sol Nascente, Huambo, Angola, para a área de leccionação de História.

World War I (1919-1924), during the World War II (1939-1945), and right after the second global conflict (1947-1971). He was also editor-in-chief of “Jornal de Comércio” (1907-1909) and chronicler of “O Século”, where he signed the section “Fumo do meu cigarro”.

His journalistic career was interspersed with diplomacy. Thus, he acted in legations as important as those of Portugal in London (1924), in the Vatican (1924-1929), in Brussels (1929-1931, 1935-1938), in Rome (1931-1935) and in Paris (1945-1947).

His presence in major European cities enabled him a unique knowledge of the situation in Europe and a close interaction with some of the leading personalities of the time. We would like to highlight, for example, Mussolini, Pius XI, Cardinal Gasparri, Albert I, Leopold III, Paul-Henri Spaak and Charles de Gaulle.

The daily contact with this reality led him to write “Imagens da Europa vistas da minha janela”, a work which analyzes the crisis in which Europe was plunged in the 30s and its main outlines.

At a time when democratic political systems, triumphant in the early 20th century, were shaken by the crisis of the post World War I, prompting the emergence of a large number of followers of totalitarian ideologies, fascist or communist, the present article seek focus on the reflections of Augusto de Castro about a world grappling with major disturbances.

Keywords: Crisis, Europe, 20th Century, Journalism.

1. Augusto de Castro: o homem e a época

Augusto de Castro Sampaio Corte-Real (Porto, 1883-Lisboa, 1971) foi um dos principais periodistas portugueses do século XX. Licenciado em Direito pela Universidade de Coimbra, em 1903, começou a exercer advocacia na cidade do Porto. Em simultâneo, iniciou a actividade de jornalista, vindo a assumir, a 25 de Maio de 1903, a direcção do diário *A Província*, fundado por Oliveira Martins. Seguiram-se as passagens pelas direcções dos vespertinos *Folha da Noite* (1904-1905) e *A Noite* (1939) e do matutino *Diário de Notícias*, cuja chefia assumiu em momentos chave (1919-1924; 1939-1945; 1947-1971). Foi também redactor-principal do *Jornal do Comércio* (1907-1909) e cronista de *O Século*, tendo assinado a secção “Fumo do meu cigarro”.

A sua carreira jornalística foi intercalada com a diplomacia, tendo assumido funções em legações tão importantes como as de Portugal em Londres (1924), no Vaticano (1924-1929), em Bruxelas (1929-1931; 1935-1938), em Roma (1931-1935) e em Paris (1945-1947). A sua presença nas principais cidades europeias possibilitou-lhe um conhecimento ímpar da situação europeia e um convívio estreito com algumas das personalidades mais importantes da época. Permitimo-nos destacar, a título de exemplo, Mussolini, Pio XI, Cardeal Gasparri, Alberto I, Leopoldo III, Paul-Henri Spaak e Charles de Gaulle.

A convivência diária com essa realidade levou-o a publicar, em 1936, *Imagens da Europa vistas da minha janela*, obra na qual reúne artigos analisando a crise em que a Europa havia mergulhado, assim como os seus principais contornos.

Numa altura em que os sistemas políticos demoliberais, triunfantes no início do século XX, foram abalados pela crise do pós Primeira Guerra Mundial, suscitando o aparecimento de um grande número de adeptos de ideologias totalitárias, fascista, comunista ou nazi, a comunicação que nos propomos apresentar procurará incidir sobre as reflexões de Augusto de Castro acerca de um mundo a braços com grandes convulsões.

2. A Crise da Europa

Até aos finais do século XIX, inícios do século XX, pode-se falar de uma dominação europeia do mundo. Essa hegemonia não é apenas política, económica e financeira, é também técnica, científica e cultural¹. É colonial. A vocação colonizadora assumida pela Europa ganha um novo impulso a partir da segunda metade do século XIX. Com a independência dos Estados Unidos da América e a emancipação da América Latina, os europeus voltam as suas atenções para o continente asiático, mas também e, essencialmente, para a África Negra, cuja partilha na célebre Conferência de Berlim ditou o fim de uma época e o princípio de outra. Uma era, sem dúvida, mais conturbada, que acaba por desembocar no primeiro conflito à escala mundial, que marca indelevelmente aquilo que habitualmente se designa por Crise Europeia.

Uma crise que assume contornos para os quais ainda hoje se buscam explicações. Uma crise com muitos pontos de contacto com o período que hoje vivemos. Uma crise em que a Europa reconhece ter mergulhado, apesar de continuar, paradoxalmente, a perceber-se como o centro do mundo.

As justificações para essa crise, como diversos autores fizeram notar, não residem única e simplesmente nos acontecimentos do início do século. Esta crise funda raízes no século XIX e começa por ser, primeiramente, uma crise de valores. Para explicar essa crise de valores são apontadas, entre outras, as seguintes razões:

1. A crítica sistemática que muitos filósofos, como Karl Marx², Friedrich Nietzsche³ e Sigmund Freud⁴, fizeram aos valores tradicionais.

¹ Com frequência se costuma afirmar que até 1914 a Europa é a “fábrica”, o “banqueiro”, o “comerciante”, o modelo cultural e a “mãe” do mundo.

² Karl Marx argumentou que os valores, enquanto produtos ideológicos, não podem ser desinseridos da história e dos contextos sociais. Os valores dominantes numa dada sociedade são sempre aqueles que melhor servem a classe dominante na sua exploração das classes trabalhadoras. Defendeu, por isso, a necessidade da destruição de todos os tipos de moral dominante (burguesa), substituindo-a por uma moral dos oprimidos (proletários).

³ Nietzsche afirmou que não existem valores absolutos e que os valores são sempre produto de interesses egoístas dos indivíduos e estão ligados às condições de existência de certos grupos, justificam as suas hierarquias e mecanismos de domínio e mudam sempre que as condições de existência se alteram. Considerou, por exemplo, que a moral ocidental estava assente em valores de escravos, preconizando, por isso, o aparecimento de um homem novo, completamente livre e capaz de expressar a sua vitalidade sem limites, para além de valores arcaicos como o bem e o mal. Podemos caracterizar toda a sua filosofia como uma grande crítica aos valores ocidentais, oriundos da tradição platónica e cristã da moral e da filosofia europeias.

⁴ Freud mostrou que os valores morais fazem parte de um mecanismo mental repressivo formado pela interiorização

2. As profundas alterações económicas, científicas e tecnológicas que a sociedade então conheceu.

Centremo-nos na primeira das razões enunciadas. A crítica demolidora feita por estes três pensadores aos valores ocidentais gerou um pessimismo que levou diversos autores a desacreditarem os modelos europeus e a buscarem inspiração na ingenuidade/simplicidade do homem do Novo Mundo, das civilizações oceânicas, como as da Melanésia, da Micronésia e da Polinésia, das então consideradas civilizações do paraíso. Recordemos o caso do pintor Paul Gauguin que abandonou a “Europa podre” para tentar reencontrar o mundo primitivo nas sociedades esquecidas dos trópicos. A sua intenção era ir beber directamente na fonte para poder povoar com novas figuras e paisagens os seus quadros. Por isso se dirigiu para o Taiti, minúsculo arquipélago perdido na imensidão do Oceano Pacífico.⁵

Esta crise⁶ que começa pelos valores acentua-se no início do século XX com o avolumar das rivalidades europeias, os desentendimentos, as dificuldades internas e externas dos Estados que culminam com a Primeira Guerra Mundial, cujo desfecho trágico lança a Europa no cepticismo e abre caminho à afirmação das ideologias totalitárias, fascista, comunista e nazi.

Mas a contrastar com a decadência europeia está a ascensão política, económica e financeira dos Estados Unidos da América que, desde finais do século XIX, se procuram afirmar, em contraposição com a Europa, como terra da esperança e do optimismo. Assim, e por oposição à Europa, muitas vezes apresentada como um ser enfermo, padecendo de moléstias várias, a América surge como um ser jovem, atraente e saudável, pleno de confiança e de vitalidade. É, inclusive, a potência em emergência que vem em auxílio do Velho Continente quando este se vê confrontado com uma guerra civil (estamos a aludir à “guerra civil europeia”, nome pelo qual também foi designada a Primeira Guerra Mundial).

A crise em que a Europa mergulha, o aparecimento dos regimes totalitários, nomeadamente, o fascista, e a ascensão dos Estados Unidos da América são exactamente alguns dos temas analisados por Augusto de Castro na obra *Imagens da Europa Vistas da Minha Janela*. A sua visão de jornalista e, posteriormente e simultaneamente – porque as duas são em nossa opinião indissociáveis⁷ – de diplomata,

de regras impostas pelos pais e que traduzem normas e valores que fazem parte da consciência colectiva.

⁵ Por cá recorde-se a obra de Eça de Queirós *As Cidades e as Serras*, onde o autor, permeável a esta crítica aos valores ocidentais, faz uma censura à sociedade portuguesa da época e defende a ideia, que prevalece na fase final da sua vida, de que o homem só será verdadeiramente feliz longe da civilização. Daí que a personagem principal da sua obra, Jacinto, opte pela serra de Tormes, onde impera a paz, a alegria e a felicidade, em detrimento da cidade de Paris, onde reina a pressa, a falsidade e a degeneração do espírito.

⁶ Esta crise da Europa é, muitas vezes, comparada à crise final do Império Romano do Ocidente. No entanto e, à semelhança desta, esta não deixa de ser uma crise paradoxal. Não obstante as críticas feitas aos valores e à sociedade da época por inúmeros pensadores, tal como já havia acontecido no período romano (recorde-se aqui o exemplo de Tácito que na sua obra *A Germânia* descreve e elogia a autenticidade da vida dos povos germanos em comparação com a degradação, a corrupção e a depravação da sociedade romana), nenhum destes autores, à excepção de Gauguin e poucos mais, troca a civilização corrupta, mas confortável pela genuinidade desconfortável do chamado mundo primitivo.

⁷ Apesar dessa separação de funções ter sido pretendida. Quando o Estado Português pediu em 1924 o *agrément* do

permitiram-lhe colher impressões que o levaram a tecer diversos comentários à situação política internacional. Que nos conduzem ao pensamento do autor.

3. A Europa, a América e o Mundo

A situação em que a Europa se encontra é objecto de análise por parte de Augusto de Castro que considera, no entanto, que a expressão “crise da Europa”⁸ se tornou um lugar-comum. À semelhança de outros pensadores, o autor entende que a Europa gozou, até aos princípios do século XX, de um autêntico regime de privilégio⁹ que, entretanto, cessou, para dar lugar aos efeitos de um regime de concorrência (com a Ásia e com a América) dentro do qual o Velho Continente terá de se adaptar a novas condições históricas.

Ao contrário de economistas e sociólogos como André Siegfried¹⁰, que decretaram a deslocação do centro de gravidade da civilização da Europa para outro continente, Augusto de Castro acredita, não na sua deslocação, mas na sua extensão. O autor entende que a zona de influência não se deslocou, mas sim se estendeu até à América. Assim, considera que a civilização atlântica¹¹ se continua, tornando-se a influência continental em influência inter-continental. Claro está que a influência da Europa ganha em extensão, mas perde em intensidade. E é este aspecto da civilização europeia que, encarado superficialmente, pode dar a impressão de uma crise do continente que, na realidade, na sua opinião, não existe, no aspecto especial e catastrófico que se lhe pretende dar. É evidente que se se comparar os privilégios de que a Europa gozou nos meados do século XIX com a situação vivida naquele período, a decadência parece existir. Até ao início do século XX, a política, a economia, a indústria, as ideias, a arte, a literatura, a ciência, as academias eram europeias. Os últimos anos do século XIX assistiram já ao despertar do espírito americano. A Primeira Guerra Mundial apressou, em sua opinião, este fenómeno da extensão inter-atlântica, mas não o determinou.

Este fenómeno corresponde não a uma crise ou a um enfraquecimento europeu, mas, como sempre em todos os períodos da História, às consequências de uma transformação dos meios de comunicação humana. Não se está, portanto, perante o eclipse do génio ocidental, mas diante de uma revolução geográfica do mundo produzida pela descoberta da aviação, pela electricidade, pela intensificação da rapidez, em todos os sentidos, da transmissão do pensamento e da deslocação do homem.

Vaticano para a nomeação de Augusto de Castro para Legação de Portugal na Santa Sé, o Cardeal Secretário Gasparri faz saber ao Ministro dos Negócios Estrangeiros Português que tal *agrément* só seria concedido se o Vaticano recebesse garantias de que Augusto de Castro se encontrava completamente desligado da direcção de quaisquer jornais diários portugueses.

⁸ Europa, que no sentido social, é para Augusto de Castro criada pela Renascença. Vide CASTRO, Augusto de – *Imagens da Europa Vistas da Minha Janela*. Lisboa: Empresa Nacional de Publicidade, 1936, p. 7.

⁹ Beneficiou de um regime de privilégio quer pela sua estrutura industrial e espiritual, quer pelo seu domínio colonial, pela expansão das suas ideias e dos seus capitais. Vide Idem – ob. cit., p. 5.

¹⁰ Académico francês (1875-1959). Geógrafo e politólogo, destacou-se pelos seus comentários sobre a política Americana, Canadiana e Inglesa. Após a libertação da França (libertação de Paris a 25 de Agosto de 1944), foi eleito para a Academia Francesa, ocupando o lugar deixado vago por Gabriel Hanotaux.

¹¹ Para Augusto de Castro a civilização torna-se atlântica no sentido de que partindo do *mare nostrum* romano toma com os Descobrimientos Portugueses o caminho do Ocidente. Vide Idem – ob. cit., p. 7.

Não há, portanto, a seu ver, uma crise da Europa, mas uma crise das fórmulas universais da civilização, uma transformação no sentido da extensão (com prejuízo, portanto, da intensidade) das condições sociais, materiais e espirituais do mundo. Essa crise é, em seu entender, tão europeia quanto americana: tem os seus aspectos nacionais, internacionais e intercontinentais. Com um contraste de ordem psicológica entre os dois continentes que dá origem a equívocos fáceis de explorar: é que, enquanto a América organiza o seu esforço político, científico, económico e artístico no optimismo, a Europa insiste em organizar-se no pessimismo:

O Estado, a arte, a ciência, a vida são na América, a despeito de todas as convulsões, optimistas. Na Europa são pessimistas. A experiência Roosevelt é uma experiência optimista. A revolução russa é uma experiência pessimista. A América organiza-se para o melhor. A Europa persiste em organizar-se para o pior. É esse o erro fundamental. Os dois maiores escritores ocidentais ou, pelo menos, os de maior nomeada, Maeterlinck e Bernard Shaw, são pessimistas, ou melhor nihilistas. Se há uma doença europeia é essa. A Europa atravessa uma crise de fé. Deixou de acreditar em si própria. O que existe não é, pois, uma crise da Europa, mas uma “crise do sentimento europeu”. E essa crise durará, tolhendo e enublado todas as visões, enquanto os organizadores da Europa, os responsáveis pela sua vida espiritual, como pela sua vida económica e social, persistirem no misticismo da catástrofe e da impotência.¹²

Esse contraste de ordem psicológica entre os dois continentes reflecte-se, como curiosamente nota Augusto de Castro, na própria indumentária. Assim, enquanto os americanos preferem a cor (tons claros, vivos e juvenis), na Europa generalizou-se a tendência para os tecidos escuros: “a Europa cobre-se quase inteiramente de crepes e arrasta de capital em capital, por essas ruas e por todos os países, de norte a sul, uma espécie de cortejo funerário de ambos os sexos e de todas as idades.”¹³

Nesta comparação que estabelece entre cor e vida, Augusto de Castro considera que a primeira tem uma influência consideravelmente maior do que a que se supõe sobre a segunda. Essa influência não é apenas moral – o preto inspira pensamentos sombrios e ideias fúnebres – mas igualmente física – traz a doença e a desgraça.

“A moda do escuro [...] tem a sua influência decisiva sobre uma Europa pessimista, inacessível à graça e à esperança de viver, esta Europa em crise de alegria e de que fé que nos cerca”.¹⁴ “A Europa precisa de mudar de fato se quiser mudar de ideias.”¹⁵

Este pessimismo que Augusto de Castro entrevê, dever-se-ia ao desaparecimento das ideias universais, que constituíam um património comum a todo o homem civilizado. O centro dessas ideias era fixo, era histórico, era a Europa, que era realmente considerada o centro do mundo. Com a Primeira Guerra Mundial as grandes ideias que governaram uma época desapareceram e a Europa perdeu a sua aparência de centro espiritual da

¹² Idem – ob. cit., p. 12.

¹³ Idem – ob. cit., p. 82.

¹⁴ Idem – ob. cit., p. 83.

¹⁵ Idem – ob. cit., p. 86.

civilização. A insatisfação, a crise moral e o pessimismo que caracterizam a sua época são, sobretudo, o resultado da falência dessas grandes e universais ideias, que constituíam até há pouco tempo os grandes pontos de referência da vida do homem, que assim perdeu os pontos cardeais que o dirigiam, vivendo num clima de asfixia pela falta de ideais humanos.

Por isso, a humanidade, num domínio mais vasto, sofria, em sua opinião, de uma crise de ideal e vivia em estado de alarme crónico. Para esse estado concorriam duas causas que merecem ser registadas:

- a) Em primeiro lugar a azáfama internacional que o mundo conheceu depois de 1919, ou seja, a avalanche de tratados políticos, de acordos financeiros, de acordos económicos, de conferências comerciais, de congressos, de decisões e planos sem precedentes na História. Após o fim da Guerra surgiu de todos os lados a pretensão de restabelecer instantaneamente, à força de remédios e de soluções políticas, uma crise profunda e de evolução lenta. Os diplomatas formaram caravanas que percorreram o Velho e o Novo Mundo, quase sem tomarem fôlego. Este excesso de vida internacional acabou por criar um estado de espírito de inquietação e de ansiedade, oscilando permanentemente entre o optimismo desenfreado e o mais injustificado pessimismo, que acabou por desorientar completamente a opinião pública no mundo. O mais pequeno e remoto incidente que anteriormente, em períodos de normalidade, passaria inteiramente despercebido ou quase, passou a determinar verdadeiros acessos de curiosidade ou de pânico. Para que a normalidade regresse, considera necessário que a política e a diplomacia reconheçam os respectivos campos de actuação e se confinem a eles.
- b) Em segundo lugar, a publicidade exagerada da imprensa. Augusto de Castro considera que certa imprensa mundial passou a desenvolver, após a Guerra, um jornalismo sensacionalista, que tende a universalizar-se. Esta política de “sensação”, aplicada à publicidade e à informação jornalísticas, cultivada, sem a mínima medida, o terreno fácil da apreensão e da inquietação públicas:

Há anos que o espírito das multidões, em todos os países, é mantido artificialmente num estado de permanente nervosismo. Não se vêem senão guerras, invasões, gases asfixiantes, espoliações, bombardeamentos – para o dia seguinte. Há leitores deste género de folhetins que dormem, há quatro ou cinco anos, com uma máscara contra os gases à cabeceira. Instalou-se no mundo o culto do pessimismo. Para certos espíritos alarmados, o fim da Europa está para a semana próxima. O fim do Mundo é uma questão de quinze dias.¹⁶

Esta extensão excessiva de uma actividade internacional em permanente estado de ebulição e alarme, por um lado, e esta exploração sistemática da curiosidade pública,

¹⁶ Idem – ob. cit., p. 21.

por outro, constituem, em sua opinião, um dos maiores embaraços a essa cura de paz, de bom senso e de silêncio de que o mundo precisava.

Para essa cura de paz de que o mundo estava necessitado deveriam também ter concorrido os Estados Unidos da América, não só com acções concretas, mas também com bom senso e, por vezes, com silêncio. Augusto de Castro é bastante crítico em relação à posição que a América¹⁷ e o presidente americano Franklin Roosevelt assumem em relação à Europa, demorando-se na análise do discurso que o presidente norte-americano profere aquando da sua reeleição em 1936. Uma mensagem, em sua opinião, de condenação em larga parte da Europa, de uma Europa dividida por lutas, intrigas e violências; de uma Europa prestes a ir ao encontro dos horrores da guerra; de uma Europa de cujos dissídios e perigos a América definitivamente se afasta.

Para Augusto de Castro esta mensagem não tem maior aplicação à Europa do que à América, uma vez que a história, mesmo a mais recente, também nos mostra uma terra americana dividida por lutas e guerras que em nada ficam a dever às hostilidades europeias.

No entanto, em sua opinião, a mensagem do Presidente Roosevelt coloca a Europa numa situação particularmente delicada, uma vez que ninguém ignora que, após a Guerra de 1914, a Europa quis marcar o início de uma outra era na vida internacional, criando um mecanismo internacional capaz de assegurar a assistência e a segurança colectivas: a Sociedade das Nações.

Augusto de Castro considera que, se desde a primeira hora os Estados Unidos tivessem feito parte da Sociedade das Nações, organização que resulta de uma iniciativa americana (presidente Woodrow Wilson), a eficácia e a universalidade deste organismo teriam sido consideravelmente reforçados e muitas das observações contidas na declaração do Presidente Roosevelt em relação à situação europeia não teriam presumivelmente razão de ser.

Entende assim que o fracasso da Sociedade das Nações, que toda a gente injustamente critica e cuja acção é ainda, em seu entender, apesar de enfraquecida, a única obra visível de organização da paz, não é da exclusiva responsabilidade da Europa, mas deve-se também à falta de cooperação americana.

Para o autor, a América gosta de julgar a Europa, caindo frequentemente no vício da generalização e numa relativa incompreensão das condições do continente europeu. No entanto, só muito dificilmente a América pode colocar-se no mesmo pé de igualdade com a Europa. E a razão é simples. A América representa no mundo formações continentais, históricas ou políticas cujos interesses se podem considerar unicamente americanos. A paz ou a guerra na América são a paz ou a guerra americanas. A Europa,

¹⁷ Augusto de Castro assume que muitas vezes tem “mostrado um sorridente desacordo com essa América desmedida, estandardizada e longínqua.” A sua opinião está assim em completa sintonia com a imagem vigente da América no Estado Novo, com a ideia postiza da América existente durante esse período. Vide Idem – ob. cit., p. 80.

por seu turno, tem uma tradição e uma função universais. “A paz ou a guerra na Europa são oito em dez vezes a paz ou a guerra universais.”¹⁸

E o exemplo máximo dessa universalidade e grandeza europeias é, para Augusto de Castro, a cidade de Roma, sede do “actual fenómeno político e social”, o Fascismo. Augusto de Castro não esconde a sua admiração pelo Fascismo, nem pelo chefe do governo italiano. Para ele, o Fascismo representa internamente “a romanização da Itália, quer dizer, a restituição de Roma ao seu destino construtor e universal.”¹⁹ “É a consagração duma forma de civilização imperial, nitidamente romana, em que o Oriente e o Ocidente uma vez mais se fundem num movimento doutrinário de acentuado carácter místico e colectivo.”²⁰

Para o autor, Mussolini retoma, de instinto, a tradição romana. No Fascismo, a nação é italiana, mas o Estado é romano. Mussolini atribui a Roma a função de coordenar e fundir, na sua expressão mediterrânea, o Oriente e o Ocidente.

Para Augusto de Castro, nenhuma outra civilização ou cidade do Mundo transmite, como Roma, a imagem formidável da força, da virilidade. Roma dir-se-ia possuir uma garra invisível: “onde a sua mão se prendeu, a sua marca imortal fica.”²¹ Mussolini é, para ele, na história dos últimos séculos da Itália, “o mais romano dos seus chefes. Tudo, no equilíbrio, na força do seu génio, na universalidade da sua acção é romano. No entanto, Mussolini reedificador da visão imperial de Roma não nasceu na cidade”²², mas foi assimilado por ela, fundiu-se com ela e com a sua majestade imortal e o seu sonho imperial.

Acabaria, no entanto, por ser este homem “singular, italiano até à medula, com o gosto, inato nesta raça, pela sumptuosidade e pelo melodrama”²³ uma das principais personagens do segundo conflito à escala mundial, corolário da crise então vivida.

Não obstante a admiração que lhe votava, Augusto de Castro tinha consciência dos factos. Quando em 1934 relata para o Ministro dos Negócios Estrangeiros as entrevistas de Mussolini e Hitler em Veneza nota que a “vida tem, por vezes, ironias deliciosas. Antes das suas declarações pacifistas e, como preparando-as, Mussolini passava a sua primeira noite de Veneza no leito de Napoleão, no Palácio de Stra.”²⁴ Hitler, por sua vez, dormiria o seu primeiro sono em Itália, na cama em que dormira o Imperador Guilherme. “Paz viril – diz o Sr. Mussolini que (ele o confessa) politicamente é pela

¹⁸ Idem – ob. cit., p. 62.

¹⁹ Idem – ob. cit., p. 37.

²⁰ Idem – ob. cit., p. 39.

²¹ Idem – ob. cit., p. 45.

²² Idem – ibidem.

²³ CASTRO, Augusto de – *Mussolini e Hitler. As entrevistas de Veneza*. In: Arquivo do Ministério dos Negócios Estrangeiros. Legação de Portugal em Roma. 1934. Série A, N.º 112, p. 3.

²⁴ CASTRO, Augusto de – *Quarto relatório sobre as entrevistas de Mussolini-Hitler, em Veneza*. In: Arquivo do Ministério dos Negócios Estrangeiros. Legação de Portugal em Roma. 1934. Série A, N.º 117, p. 7.

paz, mas doutrinariamente, é pelas virtudes da Guerra. Tudo se concilia, pois, assim: discurso pacifista pela manhã, cama de Napoleão à noite.”²⁵

Conclusão

A visão que, enquanto jornalista e diplomata, Augusto de Castro nos oferece do período de crise que antecede a eclosão da II Guerra Mundial é, em nosso entender, extremamente interessante, reveladora das suas vivências, dos inúmeros contactos por ele estabelecidos e das diversas leituras realizadas. Mas também, em alguns pontos, de uma grande sintonia com o regime estado-novista e com o próprio António de Oliveira Salazar (questão americana, admiração por Fascismo e por Mussolini). São imagens que colhe de janelas que, quer dos jornais cuja direcção assume, ou das legações que ocupa, se abrem à Europa e ao Mundo, sabendo de antemão que “a história é a mais dramática e a mais inútil de todas as experiências”

²⁵ CASTRO, Augusto de – *Quarto relatório sobre as entrevistas de Mussolini-Hitler, em Veneza*. In: Arquivo do Ministério dos Negócios Estrangeiros. Legação de Portugal em Roma. 1934. Série A, N.º 117, p. 8.